



DISCURSO E IDEOLOGIA: investigando o racismo na imprensa norte-americana

Estevão Eduardo Cavalcante Carmo¹

1 INTRODUÇÃO

Ideologias não são apenas ideias que formamos sobre os fatos do mundo, são crenças, de base mental e compartilhadas socialmente, que regulam nossa compreensão sobre os eventos que nos rodeiam e, por conseguinte, orientam nossas práticas sociais no mundo (VAN DIJK, 1998). Por tais motivos, faz-se necessário um estudo detalhado e sofisticado, a partir de um enfoque sociocognitivo, para investigar as ideologias que circulam em sociedade, dado que uma parte delas operam na manutenção de estruturas de dominação de grupos sociais sobre outros, como é o caso da ideologia racista. Segundo Van Dijk (2015, p. 33), o racismo é “essencialmente um sistema de dominação e desigualdade social”. Tal dominação, por sua vez, se constitui pelo abuso de poder de um grupo, neste caso a elite branca, que opera em duas frentes: nas várias formas de marginalização, discriminação e exclusão dos outros; e, por outro lado, por atitudes, crenças e ideologias que fundamentam e legitimam as atitudes citadas anteriormente. Desta forma, é imprescindível investigar as ideologias que subjazem às atitudes racistas e, por consequência, analisar como elas operam na manutenção de tais crenças.

Neste sentido, Van Dijk (2010; 2015) aponta que é por meio do discurso que os preconceitos são expressos e reproduzidos. Os sujeitos não nascem imbuídos de preconceito, mas aprendem-no principalmente por meio do discurso público. É por meio da fala e da escrita que “políticos, jornalistas, estudiosos, juízes e empresários expressam e reproduzem suas crenças, ideologias, planos e diretrizes” (VAN DIJK, 2015, p. 32). Podemos observar como as ideologias operam no discurso através, por exemplo, das escolhas lexicais feitas pelos atores sociais.

Koch (2004; 2014) aponta que as expressões nominais que utilizamos, na interação, não são escolhas casuais, mas constituem um projeto de dizer específico. Em outras

¹ UFPE.

palavras, os itens lexicais que os sujeitos selecionam, por ocasião da interação, revelariam as crenças dos atores sociais sobre os fatos do mundo, enquanto se coadunam para constituir a argumentação destes. A autora ainda afirma que a utilização recorrente de itens lexicais marcadamente negativos em discursos públicos, como no caso da imprensa, pode evoluir para uma estereotipização, contribuindo, assim, para a manutenção de determinados preconceitos que circulam na sociedade.

À vista disso, propomos analisar, tomando como fundamento as teorias supracitadas, marcas linguístico-textuais que contribuiriam para a reprodução da ideologia racista na cobertura feita pelo NYT Now – aplicativo do *The New York Times* – acerca dos conflitos entre negros e policiais entre 05 de julho e 05 de agosto de 2016. A escolha do recorte de tempo feita por esta análise justifica-se na medida em que propomos examinar trinta dias de repercussão a partir da morte de um homem negro por um policial em Louisiana, bem como seus desdobramentos e conflitos.

Ressaltamos que o NYT Now é um recurso oferecido pelo jornal NYT, no qual os assinantes recebem diariamente – exceto finais de semana – por e-mail um *briefing*, isto é, uma coletânea com pequenos resumos das notícias do dia que o jornal considera mais relevante para que o leitor saiba. Compreendemos que esta seleção das notícias que o periódico realiza já seria uma orientação sobre quais eventos e temas o NYT julga serem mais proeminentes. Assim, foram analisados 24 *briefings* nos quais coletamos 20 textos que tinham como tema os conflitos entre negros e policiais nos estados de Louisiana, Minnesota, Texas e, posteriormente, Miami, todos nos EUA.

Observamos que o periódico utiliza de modo mais recorrente expressões nominais marcadamente negativas em textos que noticiam a morte de policiais por negros do que o contrário. Além disso, o jornal opera com estratégias de mitigação e justificativa para atenuar as atitudes violentas dos policiais, numa forma de encobrir as ideologias racistas que fundamentam tais ações.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

São múltiplas as concepções de ideologia que circulam nos diversos estudos das ciências humanas. Parte considerável destas provém das reflexões de Marx e Engels², cujo conceito de ideologia foi primeiramente definido como as ideias das classes dominantes numa determinada época. A partir da perspectiva marxista de ideologia, que ainda hoje é amplamente adotada, surgiram e se desenvolveram uma série de outros enfoques acerca deste tema. Neste vasto campo de teorias, Van Dijk (1998) delinea sua perspectiva de ideologia a partir de um quadro teórico multidisciplinar.

Segundo o autor, a ideologia poderia ser resumida numa tríade formada pelos conceitos de *cognição*, *sociedade* e *discurso*. Isto porque, conforme Van Dijk (1998), só seria possível entender como as ideologias se desenvolvem, se manifestam e se reproduzem a partir de um enfoque multidisciplinar que as compreenda através de uma perspectiva que associe estudos cognitivos, sociais e discursivos. Van Dijk (1998) aponta que as ideologias podem ser consideradas como “conjuntos de crenças em nossas mentes”, compreendendo *crença* como produto ou propriedade do pensamento. Sublinha o autor que é na memória – semântica e episódica – que as crenças são armazenadas e processadas, podendo, ainda, serem construídas, reativadas ou organizadas em unidades maiores. No entanto, faz-se necessário ressaltar que tais crenças são compartilhadas em sociedade, daí a importância de uma teoria que contemple não apenas o cognitivo, mas também o social para compreender tal fenômeno. Van Dijk (1998) observa que nossas crenças orientam a forma como compreendemos e interpretamos o mundo em termos de categorias sociais. Neste sentido, nossas crenças orientariam nossa compreensão sobre o mundo, a partir dos modelos que se constroem sobre os fatos que constituem a realidade nas – e pelas – diversas esferas sociais que nos inserimos. Assim, conforme o autor, nossas experiências com o mundo se revelam através de uma projeção socialmente controlada das crenças.

As ideologias podem se manifestar de diversas formas, como, por exemplo, através de imagens. No entanto, é por meio da linguagem verbal que as identificamos de

² Os estudos destes autores acerca da ideologia encontram-se mais especificamente na obra “A ideologia alemã”.

modo mais evidente. Van Dijk (1998) pontua que numa análise mais detida de textos escritos e falados é possível reconhecer determinadas crenças a partir, por exemplo, do léxico ou da estrutura sintática utilizados. São as palavras e os sentidos que elas fornecem no texto que apontariam as ideologias de determinados grupos sociais. Além disso, a recorrência de algumas frases ou itens lexicais podem contribuir para a reprodução de ideologias, operando, desta forma, no modo como compreendemos a realidade (VAN DIJK, 1998). Assim, o estudo deste fenômeno é de importância fulcral, posto que grupos sociais dominantes poderiam, através da linguagem, reproduzirem suas crenças e legitimarem suas ações em detrimento de grupos sociais menos privilegiados.

Numa reflexão linguística paralela, Koch (2014) se debruça sobre os estudos acerca da referenciação. Observa a autora que a referenciação é uma atividade discursiva, na qual o sujeito, na interação, “opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer” (KOCH, 2014, p. 48). Em outras palavras, a referenciação poderia ser compreendida como uma atividade de argumentação, utilizada pelos interlocutores em função de um “querer-dizer” específico. Numa perspectiva semelhante, Marcuschi (2007) observa que as coisas que estão no mundo não são exatamente aquilo que dizemos, mas aquilo que comunicamos aos outros é o fruto do nosso agir intersubjetivo sobre o mundo e de nossa inserção sociocognitiva nele. Desta forma, conforme o autor, “estamos construindo modos de existência e referenciação e não apenas comunicando fatos ontológicos” (MARCUSCHI, 2007, p. 126). O processo de categorização dos eventos e elementos que constituem o mundo não se realiza a partir de denominações estabilizadas *a priori*, mas, antes, seria uma atividade socialmente situada, ou, ainda, produto da interação de sujeitos inseridos em contextos reais de comunicação (KOCH, 2014; MARCUSCHI, 2007).

Koch (2004; 2014) salienta que a categorização de *objetos-do-discurso*³ não é uma atividade ingênua, uma vez que os sujeitos, por ocasião da interação, selecionam

³ Compreendemos *objetos-do-discurso* tal como desenvolvido por Mondada (2001). Conforme a autora, os objetos-do-discurso seriam entidades constituídas discursivamente no decorrer da

itens lexicais com propostas de sentidos específicos. A autora ainda cita uma escala de argumentatividade, na qual haveriam rótulos – nomes ou expressões nominais – que iriam desde os aparentemente neutros, como os pronomes e os advérbios, até aqueles dotados de elevada carga argumentativa e que poderiam evoluir para formar um estereótipo. No esteio destes estudos, Koch (2014) aponta para o processo de *nominalização*, que, segundo a autora, seria uma estratégia de encapsulamento de informações-suporte em expressões nominais. Assim como mencionado anteriormente, tal atividade revelaria a compreensão que o sujeito interlocutor teria sobre o tema abordado. Desta forma, compreendemos que as expressões nominais que os atores sociais utilizariam para recuperar informações previamente ativadas no texto seriam importantes identificadores das crenças destes sujeitos.

Nos seus estudos sobre o racismo, Van Dijk (2010) observou que determinados itens lexicais, bem como estruturas sintáticas na voz passiva, foram utilizados por atores sociais, em interação, como estratégias para encobrir uma ideologia racista. Por exemplo,

uma oração na voz passiva pode obscurecer o agente responsável nos modelos mentais que formamos acerca de um evento racista; um tipo especial de metáfora (tal como “uma invasão de refugiados”) pode acentuar a opinião negativa que temos acerca dos Outros; e um eufemismo (como “ressentimento popular”) pode atenuar a autoimagem negativa que uma expressão como “racismo” poderia sugerir (VAN DIJK, 2010, p. 138).

O autor ainda elenca algumas estratégias utilizadas pelo discurso racista para negar, atenuar ou encobrir o racismo institucionalizado, como veremos mais adiante nas análises. No entanto, fica evidente desde já que é principalmente através do discurso que conseguimos manifestar, identificar e reproduzir ideologias. Daí a importância de um estudo que compreenda este fenômeno e se debruce sobre ele, a fim de revelar a reprodução e a manutenção de ideologias marcadamente negativas, tal como a ideologia racista.

interação comunicacional. Ademais, eles não seriam entidades fixas, pois seriam continuamente recategorizados no processo interacional

3 ANÁLISE DOS DADOS

O *corpus* desta investigação é constituído por 24 *briefings*⁴ diários produzidos pelo NYT Now, aplicativo do The New York Times (NYT), entre 5 de julho e 5 de agosto de 2016, dentre os quais constatamos 20 textos que tinham como tema o conflito entre negros e policiais nos estados de Louisiana, Minnesota, Texas e, posteriormente, em Miami, todos nos EUA. Tais *briefings*, enviados diariamente para os e-mails dos assinantes, são os resumos das notícias consideradas mais relevantes publicadas pelo próprio jornal. Compreendemos que a seleção de notícias feitas pelo NYT para serem enviadas como resumo para os assinantes já seriam uma orientação ideológica do jornal sobre aquilo que ele considera como temas proeminentes. Assim, o periódico prestaria aos leitores uma espécie de assessoria de comunicação, num processo semelhante à *clipagem*. Importante ressaltar que essa prática não é exclusiva do NYT. Outros jornais de grande circulação, como a Folha de S. Paulo, do Brasil, e O Público, de Portugal, já disponibilizam para seus assinantes recurso parecido, intitulados “Dicas do editor” e “O Público que [às vezes] lhe escapa”, respectivamente. Na **Imagem 1** (08/07/16), encontramos um exemplo de um trecho de um *briefing*, enviado pelo NYT:



⁴ Para fins metodológicos, e por ser tratar de um gênero textual emergente, isto é, em processo de popularização, utilizamos as terminologias *briefing* para nos referir ao conjunto de resumos das notícias, enquanto os termos *texto* ou *resumo* serão utilizado para denominar os resumos das notícias em si.

Para compreendermos os textos do tema analisado, faz-se necessário um pequeno panorama dos fatos que levaram às publicações dos resumos. O conflito entre negros e policiais, nos EUA, não se constitui como fato novo. No entanto, fizemos um recorte a fim de analisar publicações veiculadas a partir da morte de Alton Sterling, em Louisiana, por um policial, em 05 de julho de 2016, até um mês após este acontecimento. Durante esses trintas dias, uma série de conflitos desencadeados pela morte de Sterling, envolvendo policiais e negros, ocorreram nos estados de Louisiana, Minnesota, Texas e, posteriormente, em Miami. Antes de passarmos para a análise dos dados, observemos os principais fatos que constituíram os conflitos e serviram de matéria para os textos do NYT Now.

Quadro 1 - principais fatos que marcaram os conflitos entre negros e policias no recorte de tempo analisado

DATA	ACONTECIMENTO
05/07	Um policial de Baton Rouge, Louisiana, mata a tiros Alton Sterling, em frente a uma loja.
06/07	Durante uma blitz, um policial de Falcon Heights, Minnesota, mata também a tiros Philando Castile, dentro de seu próprio carro. A namorada de Castile, que estava no carro, filma tudo.
07/07	Um franco atirador abre fogo contra oficiais da polícia, durante uma manifestação contra a violência policial, em Dallas, no Texas. Cinco policiais morrem e outros sete ficam feridos.
17/07	Três policiais são mortos a tiros em Baton Rouge, Louisiana.
18/07	Um policial de Miami atira em Charles Kinsey, acertando-o na perna, mesmo após ele ter se rendido.

Fonte: próprio autor

Diante dos fatos ocorridos, foram publicados pelo NYT Now 20 textos que tinham como tema os eventos mencionados no **Quadro 1** e os desdobramentos relacionados a eles. O primeiro tópico a que chamamos atenção são as expressões nominais utilizadas pelo jornal para categorizar os fatos. Para tanto, dividimos tais categorizações em dois grupos, os dos *microeventos*, e os do *macroevento*. As expressões nominais inseridas no primeiro grupo referem-se aos eventos propriamente ditos, isto é, aos conflitos pontuais que ocorreram entre negros e policiais durante o recorte de tempo investigado. Por outro lado, as expressões nominais inseridas no segundo grupo categorizam o conflito de modo geral, isto é, não referem-se apenas aos eventos pontuais, mas à relação entre negros e policiais de forma global. Observemos, no **Exemplo 1**, a seguir, um trecho de um texto publicado no *briefing* de 18 de julho. Atentemos para os termos destacados em negrito:

Exemplo 1:**Attack on Louisiana police**

Officials are expected to release a full report today on the **shooting** of six law enforcement officers in Baton Rouge on Sunday morning. Three officers were killed, as was the gunman, identified as Gavin Long of Kansas City, Mo., a Marine who served in Iraq. The **attack** occurred 10 days after the **killing** of five officers in Dallas. “We’ve seen nothing like this”, one law enforcement official said⁵ (grifo nosso) [...] (18/07/16)

Observamos que as expressões nominais utilizadas para categorizar os dois eventos nos quais policiais foram mortos por homens negros foram *shooting*, *killing* e *attack*, em que todos têm uma carga semântica negativa elevada. Por outro lado, quando ocorre o contrário, em que policiais matam homens negros, as expressões nominais utilizadas para categorizar tais fatos diferem e não têm tanta recorrência. Observemos o **Exemplo 2**, no qual há um texto que noticia a morte de Philando Castile:

Exemplo 2:**Police shootings aftermath is streamed live**

The debate over race and policing is once again front and center, after a black motorist in Minnesota was shot dead by an officer during a traffic stop. A graphic video taken after the **shooting** was streamed live on a private Facebook account by a woman in the passenger seat⁶ (grifo nosso) [...] (07/07/16)

No exemplo acima observamos que, diferentemente do **Exemplo 1**, a única expressão nominal utilizada para categorizar a morte de Philando Castile foi *shooting*. Ademais, enquanto no título do primeiro exemplo há a expressão *attack*, no segundo exemplo a morte de Castile é sumarizada apenas como *shooting*, tendo

⁵ Optamos por utilizar os textos originais, em língua inglesa, durante a investigação, fazendo tradução livre dos trechos analisados em notas de rodapé. Assim, o **Exemplo 1** seria: “**Ataque à polícia de Louisiana**. Oficiais devem divulgar um relatório completo sobre o **tiroteio** em seis policiais em Baton Rouge no domingo de manhã. Três oficiais foram mortos, assim como o atirador, identificado como Gavin Long, da cidade do Kansas, um oficial da marinha que serviu no Iraque. O **ataque** ocorreu 10 dias após o **assassinato** de cinco policiais em Dallas. ‘Nunca tínhamos visto algo assim’, disse um policial” (tradução nossa).

⁶ “**Sequência de tiroteios da polícia é transmitida ao vivo**. O debate sobre raça e policiamento está novamente no centro das atenções, após um motorista negro ter sido morto por um policial durante uma blitz. Um vídeo feito após o **tiroteio** está sendo transmitido numa conta privada do Facebook por uma mulher que estava no banco do passageiro” (tradução nossa).

apenas uma ocorrência no corpo do texto. Desta forma, selecionamos as expressões nominais mais recorrentes utilizadas para categorizar os microeventos. No grupo de cima do **Quadro 2** estão os microeventos em que homens negros mataram policiais, enquanto no grupo de baixo estão os microeventos em que ocorre o contrário, ou seja, nos quais policiais mataram homens negros.

Quadro 2 - Expressões nominais recorrentes utilizadas para categorizar os microeventos

ATORES SOCIAIS	EXPRESSÕES NOMINAIS
BLACK/AFRO-AMERICANS ↓ POLICE/OFFICIAL	ATTACK FATAL ATTACK SLAYING SHOOTING KILLING
POLICE/OFFICIAL ↓ BLACK/AFRO-AMERICANS ⁷	HORROR POLICE/DEADLY/FATAL SHOOTING KILLING

Fonte: próprio autor.

Desta forma, segundo observamos na **Tabela 2**, há expressões nominais e itens lexicais recorrentes de carga semântica mais negativa quando são noticiadas as mortes de policiais por negros do que o contrário. Compreendemos que, ao utilizar tais expressões, o jornal orientaria o leitor a entender os fatos do modo como o periódico o categoriza. Além disso, estes itens lexicais, segundo afirma Koch (2014), não são escolhas ingênuas e aleatórias, mas se coadunam para formar um projeto de dizer específico, isto é, fazem parte de uma argumentação própria do jornal, no qual a morte de policiais por negros seria mais chocante do que o contrário. Corroboramos com esta perspectiva as expressões utilizadas pelo então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ao referir-se a tais conflitos, e que foram incluídas nos textos do NYT Now. Em texto publicado no *briefing* do dia 8 de julho, Obama se refere à morte de cinco policiais em Dallas como “*vicious*” e “*despicable*”, enquanto em outro texto publicado no mesmo *briefing*, Obama categoriza a morte de Philando Castile como “*symptomatic*”⁸.

Observamos ainda que, ao tratar dos conflitos de forma global, o jornal utiliza eufemismos para encobrir atitudes racistas. São expressões que, no nosso trabalho,

⁷ Optamos por utilizar as mesmas expressões usadas pelo NYT para referir-se aos atores sociais.

⁸ “Vicioso”, “desprezível” e “sintomático”, respectivamente.

denominamos como categorizações do macroevento, isto é, do conflito de modo geral, que existe já há bastante tempo e que compreende os eventos pontuais já mencionados, mas que não se resume apenas a eles. Entendemos que a morte de negros por policiais, nos conflitos que serviram de base para o recorte de tempo investigado, não se constituem como fatos aleatórios, mas que seriam resultados de uma ideologia racista, na qual negros são associados quase sempre à criminalidade e ao perigo, o que leva a mortes de centenas destes.

Contudo, ao se referir às relações de contenda entre os atores sociais investigados, ao invés de categorizar tais conflitos como resultados de uma ideologia racista, o NYT emprega itens lexicais e expressões nominais que ocultariam o racismo imbuído nas mortes de negros por policiais. Desta forma, são utilizadas expressões como “*race relations*”, “*the violence and race relations*”, “*race attitudes*” e “*tensions*”⁹ para categorizar o macroevento. Tal fenômeno é compreendido por Van Dijk (2010, p. 182) como uma estratégia de mitigação, na qual o uso de eufemismos “minimizam o ato em si ou a reponsabilidade do acusado”. Assim, o jornal se eximiria da responsabilidade de revelar atitudes racistas nesses conflitos, escolhendo, por outro lado, categorizá-los apenas como “relações raciais” ou “atitudes raciais”, expressões que não apontam para o mesmo sentido.

Outra estratégia do discurso racista pontuada por Van Dijk (2010) é a justificativa. Segundo o autor, a justificativa consiste numa apresentação de fundamentação para atitudes racistas, ou seja, “o ato não é negado, mas nega-se seu caráter preconceituoso e afirma-se explicitamente que ele foi justificado” (VAN DIJK, 2010, p. 164). Observamos tal fenômeno no **Exemplo 3**, a seguir:

Exemplo 3

What we know about the killings

[...] The officer who fatally shot Philando Castile in a suburb of St. Paul on Wednesday was “reacting to the presence of a gun”, his lawyer said. A Justice Department inquiry into Alton Sterling’s death in Louisiana continues, and a new study claims there is evidence of racial bias in the police’s use of force, but not in shootings¹⁰. (11/07/16)

⁹ “Relações raciais”, “a violência e relações raciais”, “atitudes raciais” e “tensões”, respectivamente.

¹⁰ “O que sabemos sobre as mortes. O policial que atirou fatalmente em Philando Castile no subúrbio de St. Paul na quarta estava ‘reagindo à presença de uma arma’, disse seu advogado. Um

Constatamos, no exemplo acima, que o advogado do policial que matou Castile justifica a morte deste, alegando que seu cliente estava “reagindo à presença de uma arma”, categorizando a ação do oficial como uma reação e, assim, transferindo a responsabilidade da morte de Castile para a própria vítima. Além disso, no mesmo exemplo, observamos que um inquérito do Departamento de Justiça nega a evidência de preconceito racial na morte de Alton Sterling.

Observamos, desta forma, que a categorização dos conflitos entre negros e policiais, nos EUA, ocorre de forma desigual, isto é, as ações de negros contra policiais são mais acentuadas, através de expressões nominais e itens lexicais com maior carga semântica negativa e de forma mais recorrente, do que o contrário. Além disso, o jornal encobriria a ideologia racista por trás destes conflitos ao utilizar eufemismos para se referir às ações dos atores sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados desta investigação nos revela como a mídia orienta a nossa compreensão sobre os fatos relatados, operando nos modelos mentais que criamos sobre os eventos noticiados, através da manutenção de ideologias racistas por meio do discurso. Tal fenômeno fica evidente na escolha lexical utilizada pelo NYT para categorizar os fatos investigados. Observamos que expressões nominais com maior carga semântica negativa, como *attack* ou *slaying*, são utilizadas para referir as mortes de policiais por negros, mas, quando ocorre o contrário, constatamos um menor número de expressões marcadamente negativas e de modo menos recorrente. Como sugerido anteriormente por Koch (2014), tais itens lexicais nos apontam uma orientação argumentativa do jornal de que a morte de policiais seria mais impactante do que a morte de homens negros pela polícia.

Além disso, conforme observa Van Dijk (2010), o jornal operaria com estratégias sutis de encobrimento de uma ideologia racista nas atitudes dos policiais, utilizando eufemismos para atenuar as ações dos oficiais, bem como justificando as atitudes destes diante da morte de homens negros.

inquérito do Departamento de Justiça sobre a morte de Alton Sterling continua, e um novo estudo aponta que houve presença de um viés racial no uso da força policial, mas não nos tiros” (tradução nossa).

Desta forma, consideramos que tais processos operam na manutenção da ideologia racista, sustentando um sistema de dominação controlado pela elite branca, formada por acadêmicos, por políticos e, como no caso desta investigação, pela imprensa, incidindo, desta forma, na marginalização de negros e contribuindo para a preservação do preconceito (VAN DIJK, 2015).

REFERÊNCIAS

- KOCH, I. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2015.
- MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MONDADA, L. Gestion du topic et organisation de la conversation. UNICAMP, Campinas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. n. 41, p. 7-36, 2001.
- VAN DIJK, T. **Ideología: una aproximación multidisciplinaria**. Barcelona: Gedisa S.A, 1998.
- _____. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. Discurso das elites e racismo institucional. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). **Discurso e desigualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015.